No Transcurso da Semana da Pátria

MOZART SORIANO ADERALDO

"A Pátria — bem o disse Rui Barbosa — é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontade, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula, e tendes o organismo. Multiplicai a família, e tendes a pátria."

Porisso é que, preservando-se a família do dessoramento que se lhe vem impingindo através de variegadas formas, a que não se acha alheia a chamada arte de vanguarda, com seus palavrões e cenas chocantes, trabalha-se indiscutivelmente pela Pátria.

Esta — convém recordar — não é propriedade de ninguém, de uma organização, de uma classe, de uma ideologia. "É o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos, o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade" — na síntese do grande baiano. Dela todos participamos, desde que nos conformamos com aqueles eternos valôres de sua caracterização.

Deles tratando, Afonso Arinos, o velho, nos convocou a desenvolver o pátrio amor, ouvindo o que nossos avós já ouviram, a fim de que possamos transmitir esse acervo a nossos filhos, formando-se assim os diversos elos que constituem a cadeia que denominamos tradição de um país. "É ela que faz dos habitadores de uma região um povo, dá a esse povo uma alma, uma individualidade própria entre os outros povos da terra" — conclui o grande mineiro.

Não seria outra a razão por que, sem rejeitarmos o que de bom os novos tempos podem acrescentar ao acervo da tradição brasileira, repudiamos os novidadeiros que, à custa embora do que temos de mais caro dentre o que nos foi legado pelos que nos antecederam, porfiam em nos ver descaracterizados, sem a marca de povo ocidental de cultura cristã, latina e luso-americana.

Nessas aparentemente pequenas nuanças é que, precisamente, se distinguem patriotismo e falso nacionalismo. Os patriotas de

todos os países se assemelham no amor à terra do berço, mas se distanciam no modo de cultuar essa tradição, própria e inconfundível de cada um. Diferenciam-se todos para que, somadas essas preciosas particularidades, se possa ter o substrato mesmo da cultura universal. Os patriótas como que se isolam com o objetivo de se garantirem um lugar no conserto dos diversos povos, formandò a comunhão universal. Os falsos nacionalistas, pelo contrário, sãò sempre semelhantes aos dos demais países, onde quer que se encontrem. Seu isolamento não visa à preservação de sua cultura particular, sem prejuízo das tradições dos outros povos, mas pretende impor seus postulados aos demais povos, asfixiando, garròteando, sufocando, estrangulando o que os outrôs desejam preservar para que se mantenha eternamente acesa a chama viva de suas mais caras tradições.

"O patriotismo — assim se expressa, dentro desta linha de pensamento, o grande intelectual católico Gustavo Corção — é uma virtude moral anexa da justiça". E acrescenta: — "O patrióta deseja a nitidez de suas fronteiras; cultiva-a; exalta-a; mas ao mesmo tempo, num aparente paradoxo, é capaz de compreender o patriótismo dos outros. O nacionalista, ao contrário, se caracteriza por um isolamento moral e portanto imoral. Ele deseja fronteiras refratárias, onde se detenham, como inúteis para aquela comunidade à parte, as lendas dos heróismos distantes"...

Sob outro aspecto, o referido líder católico analisa o mesmò problema, lembrando que "o patriotismo é uma forma de reverência que tem apôio na tradição". E esclarece: — "Patriotismc é ... a virtude da longa continuação e da grande fidelidade. O patrióta deseja um Brasil melhor, deseja com todas as forças da virtude bem equilibrada a perfeição de seu povo, de sua cultura, de suas instituições. O nacionalista também deseja um Brasil melhor, mas num outro sentido. Na verdade o que ele deseja é um outro Brasil. Seu critério está mais numa invenção do que numa continuação, é mais idéia do que realidade. Existe, pois, sob esse ponto de vista, uma diferença radical, entre os dois espíritos. O patriotismo é uma reverência diante de uma realidade que continua. O nacionalismo é uma exultação diante de uma idéia a ser realizada, de uma coisa que não existe, sonho de uns poucos, pesadelo de muitos".

Parece evidente a necessidade de proclamar e relembrar, nestes tempos de confusão, essas verdades lamentavelmente ignoradas ou esquecidas.

Quando souberdes que alguém, brasileiro porque aqui nascido, ou estrangeiro para aqui trazido, se apresenta como monopolizador do amor à pátria e propugna por uma ruptura com o passado para que em nossa terra possa haver progresso, precatai-vos: — não se trata de um patrióta, mas de um falso nacionalista que, por vezes, recebe instruções de outras nações e distantes povos.

É necessário amar o Brasil, mas ainda mais importante será amá-lo como ele sempre foi, como ainda é e como, se Deus quiser, para sempre será: — bom, pacífico, sentimental, contrário à violência e cultivador da fraternidade, amando a liberdade mas preservando a ordem, entendendo-se com os demais povos mas sabendo dizer, na hora exata, aos que nos queiram atingir naquilo por nós mais amado, que temos uma tradição a guardar e a transmitir, e que não ousem despertar o grande gigante aparentemente adormecido.